



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

MARGARIDA JOÃO EMBUNDÉ

**HISTÓRIA DE VIDA: A TRAJETÓRIA DO PROFESSOR JOÃO ANTÔNIO
EMBUNDÉ**

ACARAPE – CEARÁ

2024

MARGARIDA JOÃO EMBUNDÉ

**HISTÓRIA DE VIDA: A TRAJETÓRIA DO PROFESSOR JOÃO ANTÔNIO
EMBUNDÉ**

Projeto de Pesquisa do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) apresentado ao Instituto de Humanidades, da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, sob a orientação do Professor Dr. Lourenço Ocuni Cá

ACARAPE –CEARÁ

2024

MARGARIDA JOÃO EMBUNDÉ

**HISTÓRIA DE VIDA: A TRAJETÓRIA DO PROFESSOR JOÃO ANTÔNIO
EMBUNDÉ**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de projeto de pesquisa do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em 22 de novembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR. LOURENÇO OCUNI CÁ

Orientador

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Pedro Rosas Magrini

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Mário Alexandre Garcia Lopes

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)

Sumário

INTRODUÇÃO	5
JUSTIFICATIVA	7
OBJETIVOS	9
Objetivo Geral	9
Objetivos específicos.....	10
PROBLEMATIZAÇÃO	10
METODOLOGIA.....	11
REFERENCIAL TEÓRICO	13
CRONOGRAMA.....	18
REFERÊNCIAS	18

INTRODUÇÃO

A Guiné-Bissau situa-se na costa da África Ocidental, tendo a extensão de 36.125 km², banhada pelo oceano Atlântico. Sua fronteira ao norte é com a República do Senegal e ao sul com a República da Guiné. O país é constituído por cerca de oitenta ilhas que compõem os Arquipélagos dos Bijagós e dos territórios continentais formados por oito regiões: Bolama, Biombo, Bafatá, Cacheu, Gabu, Oio, Quinara e Tombali. Tem um setor Autónomo de Bissau, a capital. O país tornou-se independente em 24 de setembro de 1973, após onze anos de guerra para sua libertação Nacional (Djaló, 2009).

De acordo com Semedo Junior (2022), o continente africano tinha a sua forma de transmitir os conhecimentos, os mais velhos passavam os saberes aos mais novos pela oralidade, de boca a ouvido. Assim, os conhecimentos eram preservados de geração a geração. A Guiné-Bissau também adotava essa forma de aprendizagem para transmitir e preservar os seus valores sociais e culturais. Com a chegada dos colonizadores portugueses em 1446, houve o intuito de levar a “civilização ao selvagem”, por conta da ajuda da Igreja Católica, por meio da implantação da educação formal colonial na Guiné-Bissau. Assim, começou a existir a educação que objetivava silenciar a cultura do povo autóctone em detrimento da cultura eurocêntrica.

Com a programação do sistema educacional português, a cultura oral começou a ser silenciada pela cultura escrita, que é uma estrutura que os guineenses não se encaixavam até então. Esse sistema de ensino ocidental não contemplava a realidade sociocultural da Guiné-Bissau. Ademais, segundo (CÁ, 2000), esse sistema era de grande distanciamento da realidade da vida social guineense, tanto as estruturas e os conteúdos abordados eram relativos ao ocidente, um sistema de ensino de exclusão, não só da maioria da população, mas também de marginalizar os seus conhecimentos e as suas culturas. (Semedo Junior, 2022, p.11)

A implantação da educação portuguesa era uma estratégia que os colonizadores utilizavam para fazer os nativos sentirem-se inferiorizados, ou seja, esse sistema tinha criado a desigualdade, ou exclusão, pois desejavam que os nativos desprezassem os seus valores culturais e se submetessem à realidade ocidental.

Ainda segundo Cá (2000), após onze anos da luta pela libertação nacional, a Guiné-Bissau conseguiu a sua independência no dia 24 de setembro de 1973. Apesar dessa conquista, o país continuava sofrendo a dominação colonial na educação até a presente data. Os materiais produzidos para a sala de aula são escritos em português (língua do colonizador) e essa mesma língua é obrigatória nas escolas. Essa obrigatoriedade da forma de ensino, com o uso da língua portuguesa, terá relação com a personagem da história de vida, nosso objeto de estudo, pois passou pela educação portuguesa na Guiné Portuguesa.

A história de vida é uma narrativa, ou relato, que descreve a trajetória pessoal do indivíduo desde a sua infância até a sua morte. Ela engloba experiências, lembranças, dificuldades, conquistas e acontecimentos relevantes que marcaram a sua personalidade no decorrer dos tempos. Atualmente essa definição é abordada em diferentes áreas, tais como: a sociologia, psicologia, educação, dentre outras, para investigar a condição singular e social do indivíduo.

Com base nos estudos de Ferrazza, Antonello (2017), uma história de vida ou história pessoal é um registro escrito da vida de uma pessoa baseado em conversas e entrevistas. Nesse sentido, a história de vida pode pertencer à vida coletiva de um grupo, organização ou comunidade. Sendo assim, entende-se que a história de vida é uma caixa de segredo, a partir dela se consegue ter a informação do percurso de uma pessoa, a sua identidade e do grupo em que ela é inserida.

O nosso trabalho pretende investigar a história de vida do professor João Antônio Embundé, natural da Guiné-Bissau, nascido no dia 15 de maio de 1962, na zona Leste do país, na Região de Bafatá (onde passou a sua infância). Estudou o ensino fundamental 1, 2 e 3 na era colonial, numa escola sem equipamento didático apropriado. Deparou-se com várias dificuldades, pois não tinha o apoio financeiro dos seus pais durante o seu percurso estudantil. Apesar dos obstáculos enfrentados, ele se dedicou a estudar até se tornar profissional da área da educação. Ele é casado e tem 10 filhos.

A partir dessa narrativa e várias reflexões, percebemos a necessidade de se fazer uma pesquisa na área da história de vida e que nos aponte as contribuições que o saber e a experiência desse professor podem trazer para a formação e a carreira de futuros professores guineenses. Para tanto, o nosso trabalho tem como objetivo geral: analisar a trajetória de vida e profissional de João Antônio Embundé. Quanto ao procedimento metodológico, pretendemos utilizar o procedimento de metodologia de história de vida, que é um método em abordagem qualitativa. Vamos também utilizar a técnica da entrevista não-estruturada, não haverá um critério dos questionários, ou seja, será uma conversa informal, o que vai deixar o entrevistado mais confortável em responder às nossas perguntas (Manzini, 1991). No início da construção desse estudo, vamos recorrer às fontes bibliográficas, ou seja, aos trabalhos científicos realizados anteriormente, artigos científicos, dissertações, livros e teses, como refere Gil (2008).

Para Abrahão (2014), o método de história de vida se iniciou a partir da necessidade de o entrevistado contar a sua história de vida de maneira que ele acredita ser melhor. Portanto, o entrevistador não deve se preocupar com a veracidade. Todavia, o sentido que o sujeito encara essa verdade. Neste caso, a história de vida não terá apenas um significado, mas vários. A

definição da história de vida começou pelos sociólogos William Isaac Thomas e Florian Znaniecki, em 1918, com o objetivo de organizar e reorganizar os poloneses inseridos na cultura americana.

Em Burnier (2007), vemos que, na área de educação, o uso da história de vida tem contribuído bastante no melhor entendimento sobre a condição docente.

JUSTIFICATIVA

O interesse pela temática surgiu a partir da convivência com João Antônio Embundé (meu pai) desde a minha infância. Ele nos contava (eu e os meus irmãos) sobre a sua história, falava assim: “você agora estão na época melhor que a minha. Nasci numa aldeia na Guiné-Bissau, na região de Bafatá, onde as pessoas não se preocupavam com a educação formal dos seus filhos! Durante a minha infância, não recebia o carinho dos meus pais, porém vivi com os meus tios, fui obrigado a praticar lavoura, pastorear os gados, não comia bem, não vestia bem. Portanto, não permitiria que as mesmas coisas acontecessem com os meus filhos”.

Nesta breve fala de João Antônio Embundé, podemos perceber que na sociedade tradicional a população agrupava-se mais na zona rural, pois as condições de vida não eram fáceis. De acordo com o estudo de Cá, verifica-se que, dessa forma, intensificaram o modo de viver sobretudo, da agricultura, pesca, pastoril e da caça, pois são atividades importantes e por meio delas, conseguem manter alimentação variada em casa. (Cá, 2000).

Nesta perspectiva, percebemos que as pessoas da zona rural têm a tendência de “parir” mais, aliás, os filhos, sobrinhos e netos, servem de mão-de-obra nas famílias (quantos mais filhos, mais se tem o rendimento na “morança”). Assim, há a pressão junto aos filhos com relação ao trabalho do campo.

A partir da narração de João Antônio e de várias reflexões, percebemos a necessidade de se fazer uma pesquisa científica que permitirá uma busca e compreensão sobre o ser professor na Guiné-Bissau a partir da história de vida do professor Embundé. Ressaltamos que essa história contada por ele foi apenas oralmente e é válido notar que a memória do vivido, o faz sentir-se revoltado a ponto de ressignificar a sua história.

Com base nisso, Honório, no seu texto intitulado “Velhas histórias coladas à pele: a importância das histórias de vida na formação do professor” narrou a história de um filme, “O escafandro e a borboleta”, onde a personagem Bauby sofreu um derrame cerebral que a deixa paralisada. Porém, a sua memória e a dedicação permaneciam vivas e, conseqüentemente, davam-lhe a chance de persistir e refazer a vida. Portanto, o ato de lembrar desperta no indivíduo a busca de melhorar o passado inconveniente (Honório Filho, 2011).

Da mesma forma, salienta Abrahão (2011) no seu texto “Memória de formação: a (re) significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagogia em formação” que as recordações-referenciais são elementos que estabelecem a natureza das narrativas de formação. Em outras palavras, elas remetem às lembranças de experiências passadas, algo que fica registrado na mente e é o ponto de apoio ou exemplo que se usa para orientar ação, permite repensar e refazer o vivido, identificar os estímulos de determinadas escolhas, destacar as influências que orientam a trajetória de vida.

A autora traz a visão da importância da narrativa e história de vida na formação acadêmica. Visto que toda história de vida é construída a partir de uma outra história, ou seja, a construção do que está sendo e de como se posicionar no mundo é espelhado em um passado (na infância e adolescência, positiva ou negativa). Desta feita, ela enfatizou a significância da memória/lembrança ou recordação. No seu ponto de vista, essas remetem à natureza “tridimensional” da narrativa (recordar o passado com vista no presente e florescer o futuro). Ao longo da entrevista, vários/as professores/as afirmaram que as suas escolhas dependem das suas convivências na infância e adolescência.

Ponderando as ideias supracitadas, julgamos relevante trazer a minha narrativa de vida: nos meus primeiros aninhos de escolaridade, a minha mãe (Isabel de Carvalho) foi minha professora (educadora) no jardim (creche), o seu jeito carinhoso, paciência, vontade de cuidar impactava as crianças e muitas choravam para permanecer na sala dela. Consequentemente, no ensino fundamental II, também, o meu pai (João Antônio Embundé) foi o meu professor de matemática, embora ele tenha sido bem rigoroso, mas tinha domínio do conteúdo que abordava e sabia transmiti-lo. Posto isso, na fase da adolescência, comecei a indagar quem sou eu, como me posiciono no mundo, o que penso e que quero ser? Ao responder essas indagações, comecei a fazer uma retrospectiva alusiva à minha infância e comecei me apaixonando pela carreira dos meus pais (sempre afirmava o seguinte: quando me tornar adulta quero ser como o meu pai e a minha mãe). Julgo que esse desejo será realizado; porque depois da minha graduação interdisciplinar em Humanidades pretendo seguir com o curso de Pedagogia.

Corroborando com a ideia exposta, Abrahão (2011) frisa que “memória seletiva” são lembranças gravadas no cérebro e as que estão descartadas. Neste âmbito, a pessoa deve ser capaz de usar essa seleção a seu favor. No entanto, esquecendo das situações desconfortáveis e lembrando-se de conteúdo relevante para a vida profissional, ainda tentando ressignificar e reconstruir os fatos capturados.

Por outro lado, a abordagem sobre a história de vida é de extrema importância na sociedade, visto que o indivíduo não vive isolado, porém as suas trajetórias ao longo da vida

foram construídas dentro de um espaço da convivência, geralmente esse meio influencia a vida do indivíduo. Com base nisso, Schmidt e Mahfoud (1993), apresentam as ideias fundamentais de Halbwachs, sobre o trabalho da memória. Os autores relacionaram a memória coletiva e individual, sendo que a memória coletiva determina a individual, ou seja, a sociedade é que vai trazer as memórias passadas do indivíduo no presente. No entanto, é impossível fazer uma abordagem da história de vida sem ter as recordações e lembranças do percurso do indivíduo e do seu meio social.

Face a esta análise, percebemos a relevância da narrativa da história de vida de um professor guineense, na qual podemos compreender a peculiaridade do processo educativo na Guiné-Bissau (ser professor nesta sociedade). Segundo Sajo,

A profissão docente na Guiné-Bissau é atravessada por sucessivas crises desde o período das primeiras reformas educacionais no país datadas em 1973, contudo, é contundente dizer que é graças ao trabalho dos professores, mesmo em condições precárias, que as escolas públicas do país conseguem atingir, em alguma medida, seus fins. O compromisso pela educação nacional, notadamente pública, se dá pelo esforço pessoal dos professores, apesar de grande parte se encontrar num estado de garantir a própria sobrevivência [...]. (Sajo 2022, p. 6,7)

A partir do estudo desse autor, vale ressaltar que a Guiné-Bissau é um país que passou pelo processo da colonização portuguesa e, após onze anos de uma luta armada, conseguiu a sua independência no dia 24 de setembro de 1973. É lamentável dizer que a profissão do professorado no país caminha por muita dificuldade, pois o governo seria a instituição responsável por oportunizar educação de qualidade em qualquer país. Todavia, na sociedade guineense, essa instituição, não assumiu o seu papel. Há que se destacar os esforços dos docentes que se desdobram a cada ano letivo. Por outro lado, os materiais pedagógicos, inclusive manuais escolares, são de difícil acesso. Além disso, os conteúdos estão ligados à Europa, portanto, desafricanizados.

Debruçar sobre a história de vida e a trajetória de um docente da Guiné-Bissau é a forma de dar nossa contribuição acadêmica na construção de uma identidade profissional. Trará uma melhor compreensão da condição dos docentes na sociedade guineense e, conseqüentemente, servirá de material para os próximos pesquisadores que terão interesse em pesquisar sobre o assunto.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Compreender a trajetória de vida e profissional de João Antônio Embundé

Objetivos específicos

Discutir a escolha da carreira de professor na Guiné-Bissau;

Discutir o ser professor na Guiné-Bissau;

Verificar a influência dos familiares na escolha da carreira de professorado;

Debater sobre as dificuldades ou não enfrentadas na carreira profissional do professor.

PROBLEMATIZAÇÃO

O procedimento narrativo, ou contar uma história, é nada mais que fazer um exercício de rememorar acontecimentos do passado. Em outras palavras, a história permite ao homem lembrar o passado, viver o presente e ressignificá-lo, o que possibilita, dessa forma, construir um futuro melhor. Partindo desse pressuposto, o nosso foco vai se limitar à história de vida. É uma questão subjetiva e não existe rigor quanto à sua abordagem, de modo que averigua diversas perspectivas na visão científica e na concepção cotidiana.

Dessa maneira, Silva (2007) destaca que a história de vida não pode ter apenas um sentido, porém vários. Ele parafraseou Pierre Bourdieu, na sua perspectiva. Assim, o relato da história de vida não se adequa necessariamente ao mundo real. O importante é a significação que o indivíduo atribui a esse mundo real. Além disso, percebe-se o sujeito como um ser social, que transmite uma realidade que extrapola o narrador. Neste caso, ela deve ser contada em conformidade com o próprio sujeito e, a partir dela, compreender o mundo ao qual ele pertence. Deste modo, a história de vida intercala a história pessoal e coletiva.

Desde o tempo remoto, existia a história, aliás, era a forma que os mais velhos transmitiam os conhecimentos e experiências para os mais novos pela oralidade. Esses eram conservados de geração a geração. Serviam de alicerce na construção de nova trajetória de vida para os jovens. Geralmente, a oralidade ainda é viva nas sociedades tradicionais. Neste propósito, o grande intelectual africano Hampaté Bâ (2010), na sua obra intitulada “A tradição viva”, sustentou que, quando se fala de costume da história africana, refere-se à tradição oral. São os momentos que a história é contada de mestres a discípulos. Neste caso, os saberes transmitidos de boca ao ouvido ao longo do século e esses conhecimentos (heranças) são preservados até as gerações presente. A Guiné-Bissau é um dos países que ainda preserva a tradição oral. Sendo assim, nas convivências da população, é frequente encontrar os mais velhos a contar histórias para os mais novos. Essas histórias são carregadas ao longo da vida dessas pessoas. Aliás, elas podem ser impactantes nas construções das novas caminhadas.

Importa ressaltar que para Silva (2007), a obra pioneira a utilizar a definição da história de vida foi dos sociólogos William Isaac Thomas e Florian Znaniecki, com a finalidade de organizar e reorganizar um povo dentro de outro (poloneses inseridos na cultura americana). Esse meio dava aos autores uma compreensão desses imigrantes através da significação subjetiva que essas pessoas revelam as suas atitudes. Na década seguinte, essa abordagem foi ampliada para outras áreas do saber, tal como Antropologia e Psicologia. Foi apenas na década de 80 que se estabeleceu a estratégia de análise do vivido.

Com base nesta narrativa, entende-se que a história de vida é profundamente presente no processo educativo. Segundo Brandão (1981), todos os seres vivos são subordinados a um processo educativo, visto que até as aves expulsam os seus filhos para que possam experimentar o processo de voar, essa experiência vai servir ao longo da sua vida. “Assim também os seres humanos adquirem as experiências e saberes em diferentes lugares. Tanto em casa, nas igrejas, escolas e outros espaços com a finalidade de aprender e ensinar os outros” (Brandão, 1981, p.2). Sendo assim, o indivíduo não chega a construir as suas trajetórias sozinhas ou melhor, é impossível que o ser humano viva sem a influência da sociedade. Em vista disso, ele adota o estilo de vida de acordo com o meio intercalado.

Sendo assim, a partir de várias reflexões, procura-se por uma narrativa do processo educativo guineense. A Guiné-Bissau sendo um dos países vítimas de colonização portuguesa, ao tratar da sua educação, recai em uma expressão da autora supracitada, Abrahão, “natureza tridimensional”: Educação Pré-Colonial, Educação colonial e Educação Pós-Colonial (até os dias presentes).

Em virtude dos fatos mencionados, coloca-se a seguinte indagação: qual o panorama da educação na Guiné-Bissau? O que podemos encontrar a partir da trajetória de vida, experiência e saberes de João Antônio Embundé e que pode vir a contribuir na formação e carreira de futuros professores guineenses?

METODOLOGIA

Geralmente, todo trabalho científico adota um método científico, o qual permite atingir os resultados desejados. Silva (2007) confirma que uma das particularidades que estabelece a ciência é a presença de um método específico que objetiva organizar os conhecimentos produzidos. Por outras palavras, entende-se a ciência como áreas de conhecimentos, que pretende compreender o mundo através de uma metodização. Para tanto, o método é um processo sistemático que se utiliza para investigar os fenômenos e adquirir novos conhecimentos, ou seja, ele trilha os caminhos a busca de causa dos fenômenos e procura solucioná-los.

Para a eficácia deste trabalho pretendemos utilizar o procedimento metodológico da história de vida. Na perspectiva de Spindola e Santos (2003), a história de vida é um dos modelos de estudo em abordagem qualitativa. Segundo elas, a pesquisa qualitativa preocupa-se em compreender as complexidades das pessoas e os seus espaços sem limites de cobrança do pesquisador. Elas afirmam que o método de história de vida baseia-se em entender os elementos gerais feitos nas entrevistas das pessoas, analisar suas particularidades históricas, incluindo seu meio social.

Para essas autoras, a pesquisa qualitativa importa-se com a realidade incontável, tentando responder às questões particulares dos grupos de significados, costumes e valores ou melhor aprofunda-se em compreender os fenômenos sociais.

Em um primeiro momento, iremos utilizar a pesquisa bibliográfica. De acordo com Gil (2008) a pesquisa bibliográfica envolve a recolha das informações passadas, ou seja, registros efetuados anteriormente por diversos autores que servirá de base para os pesquisadores entenderem preciso problema ou tema. O autor ainda afirma que, esses estudos podem ser abordados através de conteúdos publicados em forma de livros, artigos científicos, dissertações, teses.

Depois desse passo, seguiremos com o estudo etnográfico. É comum associar a pesquisa etnográfico com a antropologia, porém, atualmente, ela pode ser utilizada ou explorada em diversas áreas de conhecimento, tais como: educação, psicologia, sociologia. O estudo etnográfico é um dos métodos qualitativos que busca compreender profundamente os eventos ou as práticas que ocorrem num determinado grupo social ou comunidade específica. Envolve a participação direta, entrevista e recolha de dados detalhado sobre diversas áreas de um grupo estudado (Godoy, 1995).

O estudo etnográfico consiste em alinear a etnografia e o método de história de vida, visto que, este método surgiu com a necessidade de organizar e compreender uma realidade cultural dentro de outra realidade. Para tal houve o desejo do sujeito contar a sua história de maneira que achar melhor, por meio de entrevista não- estruturada. Por outro lado, este método cria uma relação de amizade ou uma aproximação entre o entrevistador e o entrevistado (Silva, 2007).

Para nossa pesquisa, que tem como tema a história de vida: trajetória do Professor João Antônio Embundé, iremos utilizar a entrevista que vai nos possibilitar recolher os dados deste sujeito que será entrevistado. De outra forma, será uma entrevista livre, que não terá uma ordem de questões e resposta, por exemplo: “poderá falar da sua trajetória de vida, ou falar da sua experiência de vida? ” Para Manzini (1991), tal método intitulou-se de entrevista “não-

estruturada” e a autora destaca que essa é uma mera conversa entre entrevistador e entrevistado, as questões devem ser abertas, pois vão estimular o sujeito nas suas respostas. Também permite o pesquisador fazer as questões dentro da resposta do entrevistado.

Embora para o autor haja dificuldade na utilização da entrevista (não estruturada) como a técnica de recolha dos dados, sendo que, o/a pesquisador/a vai deparar com várias informações ao longo das falas/entrevistada; porém o/a entrevistador/a deve recolher os dados levando em consideração o objetivo inicial para não perder o seu foco do trabalho.

Considerando essa ideia, durante a nossa entrevista que será informal, o objeto da nossa pesquisa será o professor Embundé. Pretendemos que ele nos conte a sua trajetória de vida, desde a sua nascença até chegar à carreira profissional de professorado, suas dificuldades, suas alegrias, suas conquistas etc.

REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Salles (2005), para uma descrição clara de etapas distintas de vida, não podemos nos limitar apenas ao individual, mas ela abrange toda complexidade da sociedade. Sendo assim é impossível descartar a fase referente à infância e à adolescência, visto que nessa etapa, os modos particulares de se comportar, agir, sentir podem ser compreendidos e determinados através das relações sociais. Essa interação se estabelece conforme as conjunturas sociais nas quais se inserem. Portanto, a história de vida por mais que seja particular não pode ser desassociada da sociedade porque o social designa o subjetivo.

Na mesma ideia referida, Amorim Filho e Ramos afirmam que no período alusivo à infância e à adolescência, passam-se diversas adaptações de conhecimento e valores. Esses saberes adquiridos vão se mudando em suporte de pensar e de se comportar. Consequentemente, esses conhecimentos se transformam em alicerce de confiança que impacta ou estipula a escolha e ação do indivíduo. Em outras palavras, as decisões e ações de vida adulta são as consequências dos ensinamentos (do meio da convivência) aprendidos no período referente à infância e adolescência. (Silva, 2000 apud Amorim Filho e Ramos 2010).

Importa ressaltar que a partir dos/as autores/as acima referidos/as, percebemos que, a cada etapa de vida, os indivíduos adquirem os conhecimentos e as experiências a partir da sociedade que se insere. Nesta perspectiva, Ferrazza, Antonello (2017) dizem que a história de vida pode ser vista como uma retrospectiva, ou escrivência que é o relato da pessoa sobre a sua existência ao longo do tempo, descrevendo esses acontecimentos vivenciados e transmitindo as experiências adquiridas. Por outro lado, Abrahão (2011, p.166) aborda claramente no seu texto sobre a “memória, lembrança/recordação”, uma etapa em que o indivíduo faz as narrativas de vida (pode ser de forma oral ou escrita), as quais produzem pela

recordação que permite repensar e ressignificar o vivido. O ato de rever e relembrar os acontecimentos passados com vista no presente, permite ao indivíduo projetar o futuro.

Ainda com base nos escritos da autora, percebe-se que as recordações passadas são referências das motivações que determinam a escolha e servem como influências que permeiam a trajetória de vida. Para a estudiosa, ‘A construção do que “estou sendo”, de “como me posiciono no mundo”, é espelhada numa infância e adolescência muito positivas, assim como a visão dos anos de escolaridade, da convivência com familiares pedagogas – mães, avós, tias’ (Abrahão, 2011, p.160).

Majer afirma que “a multiplicidade de experiências que vivemos acabam dando sentido e influenciam na interpretação que fazemos da realidade, engendrando nosso modo de ser e estar no mundo” (2019, p.3). Nessa perspectiva, percebe-se que essas experiências são frutos de sistemas educativos (sejam eles informais ou sistematizados).

Além disso, para a estudiosa, a educação, enquanto fenômeno social, é de suma importância na preparação e desenvolvimento humano. Ninguém vive isoladamente, ou melhor, é impossível viver sem a influência da sociedade. As pessoas apresentam habilidades particulares (opostas), enquanto correspondem com o seu meio social: os costumes, as culturas, as crenças (coletivas). Os eventos vividos, vão converter o modo de ser, agir, pensar, sentir e de interpretar os fenômenos sociais tornando os seres passivos ou neutros à realidade. As variedades das experiências vividas completam o sentido, também influencia as maneiras de ser ou estar no mundo. (Brandão et al 1981 apud Meijer 2019).

Nessa perspectiva, entende-se que a educação sendo um fenômeno social, engloba toda etapa da vida humana, ou seja, todos os seres humanos são alvo de processo educativo. Adquirimos conhecimento em diversas áreas: em casa, na igreja e na escola. Ele ocorre em lugares onde não há escolas e pode acontecer por meio de transmissão dos saberes de geração a geração (os conhecimentos são transmitidos pela tradição oral). Nesses lugares nem sequer existe a figura de ensino formal. Portanto, “a educação aprende com o homem a continuar o trabalho de vida” (Brandão, 1981, p.04).

A educação é apenas uma fração da experiência endoculturativa. Ela aparece sempre que há relações entre pessoas e intenções de ensinar e aprender. São como as intenções de “modelar” a criança para conduzi-la a ser o “modelo” social de adolescente’ e, ao adolescente, para torná-lo mais adiante um jovem e, depois, um adulto. (Brandão, 1981. p.04)

Para este autor, observa-se que a educação é o processo contínuo de aprendizagem de uma cultura que se começa com a assimilação de valores e experiências desde o nascimento da

pessoa até a sua morte. Em outras palavras, a educação objetiva instruir o indivíduo a partir da sua infância para ser a referência quando se tornar adulto.

Ainda conforme Brandão, o ensino formal é o momento em que a educação se sujeita à pedagogia (a teoria da educação); cria situações próprias para o seu exercício, produz os seus métodos, estabelece suas regras e tempos, constitui executores especializados. É quando aparecem a escola, o aluno e o professor. Nesta perspectiva Libâneo vai difundir a ideia:

A Pedagogia é um campo de conhecimentos que investiga a natureza das finalidades da educação em uma determinada sociedade, bem como os meios apropriados para a formação dos indivíduos, tendo em vista prepará-los para as tarefas da vida social. Uma vez que a prática educativa é o processo pelo qual são assimilados conhecimentos e experiências acumulados pela prática social da humanidade, cabe à Pedagogia assegurá-lo, orientando-o para finalidades sociais e políticas, e criando um conjunto de condições metodológicas e organizativas para viabilizá-lo. O caráter pedagógico da prática educativa se verifica como ação consciente, intencional e planejada no processo de formação humana, através de objetivos e meios estabelecidos por critérios socialmente determinados e que indicam o tipo de homem a formar, para qual sociedade, com que propósitos. (Libanio, 2017, p. 23,24)

A partir dos autores supracitados entende-se que a pedagogia é a ciência que estuda a educação, os processos de ensino e aprendizagem. Ela determina a ação educativa e sua finalidade. Em vista disso, a educação sendo fenômeno social procura preparar indivíduos capazes, críticos e independentes para atuar em diferentes áreas da vida. Permite-lhes apropriar dos conhecimentos e experiências acumulados anteriormente em vista de criar nova ferramenta para o mundo atual. Dessa feita, a prática educativa opera no desenvolvimento individual e social.

Compreende-se que tudo o que indivíduo “viria a ser hoje” é fruto da educação que se dá em: casa (famílias), igreja e na escola, ou seja, o meio social influencia as nossas escolhas atuais. Por outro lado, pode-se dizer que os conhecimentos, as experiências e os saberes adquiridos ao longo da vida determinam o ser hoje, inclusive as escolhas profissionais.

Vale ressaltar que Santos, Bracht e Almeida (2009), ao entrevistarem três professores de educação física, concluíram que as experiências sociais, culturais e corporais são determinantes na escolha profissional e consequente relação no curso de formação inicial. Entre os três professores entrevistados, dois afirmam que a escolha da profissão, além da influência familiar, estava relacionada aos motivos pessoais e às suas histórias de vida, sendo que os dois têm paixão por esportes e envolveram-se com ele antes de inserção na universidade. A terceira entrevistada afirma que não tinha gosto pela profissão professorado, aliás, o seu maior sonho era ser médica, porém houve a falta de meios financeiros para realizar os estudos, visto que o curso de medicina era muito caro.

Nesta lógica Betti, Mizukami (1997) afirmam que existem pontos intrínsecos aos indivíduos, tais como: a escolha do vocativo profissional, o interesse pela formação continuada, influência das famílias e convívio com os seus pares. E esses pontos interferem na vida profissional. Ainda acrescentam que a história de vida, atualmente é uma relevante fonte da informação relativamente à prática profissional docente. Os saberes construídos ao longo da trajetória de vida das pessoas contribuem positivamente nessa prática.

Da mesma forma, no ponto de vista de Meijer (2019), a construção da identidade docente inclui-se no desempenho de narração autobiográfica, ou seja, impacta em ouvir os docentes falarem das suas trajetórias acadêmicas, em meio a lágrimas, sacrifícios, esforços. Posto isto, é comum encontrar a paixão dos filhos dos professores pela profissão docente.

De acordo com o texto da autora, o ato de contar história, ou melhor ouvir docentes a contar sobre a sua experiência antes e depois de se tornar profissional docente, além de estimular as pessoas para essa área, também ajuda os professores iniciantes a ter segurança na área na qual vai desenvolver a sua capacidade profissional e a conquistar a autonomia na sua profissão.

Já no contexto guineense, para tratar da educação, importa trazer as memórias educativas pré-colonial, colonial e pós-colonial. A Guiné-Bissau tinha a sua história antes da colonização: nesse período a sociedade era organizada basicamente na produção coletiva, ou seja, o modo de viver baseava-se na agricultura, caça, pastoreio e pesca. O importante é que essas atividades eram ensinadas dos mais velhos aos mais novos de uma forma oral. “A educação não se separava em campo e especialização da atividade humana”. Neste caso, não havia um espaço escolar para um ensino sistematizado, como na sociedade ocidental (Ca, 2005, p. 25).

Em outro estudo sobre a educação da Guiné-Bissau, Sanha (2014), encontramos, que, ao longo da ocupação colonial até a sua independência, o país atravessou duas modalidades do ensino: o ensino ligado a população revoltados à colonização era feito nas zonas libertadas que tinha como finalidade a “formação do homem novo” já o outro ensino era sob o controle do estado colonial destinado aos cidadãos brancos e algumas pessoas negras consideradas assimiladas.

Os currículos, manuais escolares e materiais didático-pedagógicos usados para proporcionar a aprendizagem dos alunos e, conseqüentemente, a aquisição do saber, falavam somente de Portugal, nomeadamente do Relevo, da Geografia, da História e dos Reis, Príncipes e Rainhas, numa clara negação ao reconhecimento da existência de uma cultura local, diferente. (Sanha, 2014, p.39)

A partir da análise do autor, percebemos que a educação colonial não se preocupava com a organização dessa sociedade. Porém esse método de ensino objetivava silenciar a realidade, hábitos, costumes e valores locais, fazendo esses povos desprezar as suas culturas e promover a educação europeia.

O mesmo autor ainda afirma que no início da luta pela libertação da Guiné-Bissau, em 1963, começaram a surgir algumas escolas nas zonas libertadas. Assim Amílcar Cabral percebeu que a escola era a única entidade capaz de treinar os homens capazes de enfrentar os desafios enfrentados pelo mundo. A partir de 1964-1965, logo após o Congresso de Cassacá, o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo-Verde (PAIGC) começou a organizar o seu sistema da educação com o propósito de uma ruptura da educação colonial e implementação dos conteúdos relacionados à realidade cultural guineense.

Contudo, após a independência em 24 de setembro de 1973, os planos traçados pela implementação na educação não foram cumpridos, o autor afirma que:

A Guiné-Bissau, desde a independência até a atualidade, tem mergulhado em constantes instabilidades em todos os sentidos que são, em parte, consequências da desestruturação socioeconômica que tem passado ao longo dos anos. Com as dificuldades que vêm surgindo e não tendo condições para assegurar a educação para todos e a formação dos intervenientes deste processo, levou o governo da Guiné-Bissau a solicitar aos parceiros internacionais apoios e alternativas imediatas, para a resolução dos seus problemas sociais
[...] (Sanha, 2014, p.44,45)

Partindo do pressuposto, entende-se que apesar da independência, o governo não conseguiu a sua autonomia em gerenciar todos os setores do país, pois não tinha a estrutura estável para garantir a educação sistematizada à sua população. Contraditório é dizer “país independente”, contudo, o currículo escolar, materiais didáticos, a língua usada na sala de aula, estão sob domínio de Portugal (país colonizador). Segundo Couto (1989 apud. Cá et al. 2005, p. 63) “[...]o crioulo é língua do dia a dia da maioria da população urbana; entretanto, todos os textos escritos estão em português. A alfabetização e o aprendizado escolar posteriores davam-se basicamente nessa língua, apesar de apenas 12% da população escreverem e falarem nessa língua.” Da mesma forma, lemos no estudo de Sadjo (2022, p.7):

As condições de trabalho docente de certa forma permitem problematizar as feridas abertas que o próprio estado não está preocupado para curar, como investir na formação garantindo suporte e ambiente técnico. O que se tem registro é a precarização da formação e do trabalho docente, que são formados sem condições apropriadas e atuam sobre as mesmas condições.

A profissão docente na Guiné-Bissau está longe de ser o ideal. Não há escolas de qualidade para formar os docentes prontos para atuar na sua área profissional. As infraestruturas são inadequadas para o funcionamento ideal das aulas, baixo salário dos professores, as escolas

públicas estão atravessadas pela sucessiva greve. Para tanto, vale acrescentar que, é urgente o governo assumir o seu papel para resolução desse déficit no sistema educativo no país.

CRONOGRAMA

Semestre 2025.1 2025.2	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Revisão Bibliográfica	x	x	x									
Coletas de dados			x	x								
Análises dos dados e leitura				x	x	x						
Execução de pesquisa						x	x					
Redação do projeto								x	x	x		
Análise final dos dados											x	
Defesa												x

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memoriais de formação: a (re) significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação. **Educação**. Porto Alegre, p. 165-172, 2011.
- AMORIM FILHO, Mário Lucio de, e Glauco Nunes Souto Ramos. Trajetória de vida e construção dos saberes de professoras de educação física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte** 24 (2010): 223-238.
- BÂ, Amadou Hampatê et al. A tradição viva. **História geral da África**, v. 1, p. 167-212, 2010.
- BETTI, Irene Conceição Rangel; MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. História de vida: trajetória de uma professora de Educação Física. **Motriz Revista de Educação Física**, p. 108-115, 1997.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 28o ed., 2007.
- BURNIER, Suzana et al. Histórias de vida de professores: o caso da educação profissional. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, p. 343-358, 2007.
- CÁ, Lourenço Ocuni. A educação durante a colonização portuguesa na Guiné-Bissau (1471-1973). **ETD-Educação Temática Digital**, v. 2, n. 1, 2000.
- CÁ, Lourenço Ocuni. **Perspectiva histórica da organização do sistema educacional da Guiné-Bissau**. 2005. Tese de Doutorado. [sn].
- DOS SANTOS, Núbia Zorzanelli; BRACHT, Valter; DE ALMEIDA, Felipe Quintão. Vida de professores de educação física: o pessoal e o profissional no exercício da docência. **Movimento**, v. 15, n. 2, p. 141-165, 2009.
- DJALÓ, Mamadú. **A interferência do Banco Mundial na Guiné-Bissau: A dimensão da educação básica – 1980-2005**. 2008, 131p. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Ciência Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2009.
- DOS SANTOS, Núbia Zorzanelli; BRACHT, Valter; DE ALMEIDA, Felipe Quintão. Vida de professores de educação física: o pessoal e o profissional no exercício da docência. **Movimento**, v. 15, n. 2, p. 141-165, 2009.
- FERRAZZA, D. S.; ANTONELLO, C. S. O Método de História de Vida: Contribuições para a Compreensão de Processos de Aprendizagem nas Organizações. **Revista Gestão.Org**, v. 15, n. 1, 2017. p. 22-36
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.
- GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, p. 57-63, 1995.

- HONÓRIO FILHO, Wolney. Velhas histórias coladas à pele: a importância das histórias de vida na formação do professor. **Educação**. Porto Alegre, p. 189-196, 2011.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Cortez Editora, 2017.
- MEIJER, Rebeca de Alcântara e Silva. Noções da construção da identidade docente para uma prática educativa consciente e crítica sobre si. Nota de aula. 5, p. 2019
- SADJO, Braima Calilo. Formação docente na Guiné-Bissau: uma abordagem reflexiva sobre a profissão professor. 2023.
- SALLES, Leila Maria Ferreira. Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 22, p. 33-41, 2005.
- SANHÁ, Cirilo et al. Do ensino público ao ensino de iniciativa comunitária:(análise do desenvolvimento e impacto das Escolas Comunitárias na Guiné-Bissau e as intervenções das ONGs FEC & PLAN). 2014.
- SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia Usp**, v. 4, n. 1-2, p. 285-298, 1993.
- SEMEDO JÚNIOR, José. O sistema escolar na Guiné-Bissau: um estudo sobre o impacto do eurocentrismo no nível básico do sistema de ensino guineense. 2022.
- SILVA, Aline Pacheco et al. " Conte-me sua história": reflexões sobre o método de História de Vida. **Mosaico: estudos em psicologia**, v. 1, n. 1, 2007.
- SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa (dora?). **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 37, p.119-126,2003.